

História e representação literária: um percurso comparativo

Recebido em 07-12-2015
Aceito para publicação em 30-09-2016

Katrícia Costa Silva Soares de Souza Aguiar¹

Resumo: Partindo de uma análise comparativa, este artigo visa discutir a relação existente entre literatura e história, a partir do discurso polifônico nas obras *Tenda dos milagres* (Jorge Amado) e *Viva o povo brasileiro* (João Ubaldo Ribeiro). Dessa maneira, este trabalho evidencia que, nessas narrativas, a história do Brasil é contada por várias vozes, representativas da elite e do povo. Ao discutir acerca dos eventos históricos referenciados em ambas produções literárias, destaca-se que as vozes do povo, até então silenciadas através da violência praticada pelos poderosos, ganha força por meio da maior de todas as “armas”: o conhecimento.

Palavras-chave: discurso polifônico; povo; elite.

Historia literaria y representación: un curso comparativa

Resumen: A partir de un análisis comparativo, el presente trabajo se analiza la relación entre la literatura y la historia, desde el discurso polifónico en el obras *Tienda de los Milagros* (Jorge Amado) y *viven los brasileños* (João Ubaldo Ribeiro). Mostrando que en estos relatos, la historia de Brasil es contada por varias voces, en representación de la élite y el pueblo. Al hablar sobre los acontecimientos históricos que se hace referencia en ambas producciones literarias, se hizo hincapié en que las voces de las personas, hasta entonces silenciada por la violencia practicada por los poderosos, las ganancias de fuerza a través de la mayor de todas las "armas": el conocimiento.

Palabras clave: discurso polifónico; gente; elite.

History and literary representation: a comparative track

Abstract: Taking from a comparative analysis, this article intend to discuss the relation between Literature and History, from the polyphonic speech in the books *Miracles Tent – Tenda de Milagres* (Jorge Amado) and *Long Live the Brazilian People – Viva o Povo Brasileiro* (João Ubaldo Ribeiro). Proving that, in these stories, the History of Brazil is told by many voices that represent the elite and the people. When we discuss about the historic events referenced in both literary productions, stands out, the people voice, until then silenced by violence done by the government, gains power through the greatest arm: the knowledge.

Key words: polyphonic speech; people; elite.

¹ Mestranda em Letras – Estudos Literários, pela Universidade Federal de Viçosa-UFV, Brasil. Graduada em Letras: Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB. E-mail: katriciasilva@hotmail.com

1. Introdução

“Mas tudo isto pode ser contado de outra maneira”.

Saramago

“O segredo da Verdade é o seguinte: não existem fatos, só existem histórias”.

João Ubaldo Ribeiro

A história constitui-se um produto do historiador, que tem como matéria prima os fatos, mas que adiciona a eles um recorte, um ajustamento e sua interpretação. Através de documentos e/ou inscrições, entre outras fontes, o historiador realiza pesquisas, faz uma seleção e decide se um fato é relevante o bastante para se tornar histórico. Dessa maneira, ele não apenas conta ou reconta os fatos, mas de alguma maneira os cria, à medida que adiciona a eles a sua visão de mundo e muitas vezes os seus interesses.

Compreendida assim, a história assume um caráter subjetivo, não de verdade absoluta; torna-se fruto da interpretação do historiador, uma vez que o ato de interpretar requer a aplicação do conhecimento de mundo do indivíduo. Logo, a história oficial tradicional pode ser considerada uma ferramenta de marginalização – principalmente em países colonizados, como aconteceu no Brasil –, pois a mesma baseia-se, de modo geral, no discurso dos poderosos e consiste, portanto, em narrar os fatos conforme os seus interesses, marginalizando ou ocultando a participação do povo.

Contudo, através de manifestações da linguagem, tais como a literatura, embora não seja sua finalidade, eventos ocultos na memória dos homens ganham corpo. Com seu caráter ficcional, a literatura pode discutir desde valores, culturas, fantasias, medos e variados sentimentos do ser humano, até acontecimentos históricos ocorridos na sociedade. Deste modo, a história, que sempre foi contada por aqueles que detinham o poder, passa a ser questionada a respeito do seu uso privativo em função de interesses de grupos sociais.

Essa problematização da história e crítica a ela ocorrem em dois romances considerados clássicos da literatura brasileira: *Tenda dos milagres* (1969), de Jorge Amado, e *Viva o povo brasileiro* (1984), de João Ubaldo Ribeiro. Neles, os fatos históricos não são apenas referenciados ou citados, são transfigurados ficcionalmente, adicionando ficção à

realidade, modificando episódios e figuras históricas, mantendo referências e diálogo com a realidade, mas problematizando-a, apresentando uma crítica às “verdades históricas”.

Essas considerações preliminares impulsionam o desenvolvimento deste artigo, pois, tendo em vista que tais obras são ricas em aspectos histórico-literários, é de suma importância estudos que os analisem. Essas obras são complexas, não têm sentido único, são ricas em temáticas e aspectos que proporcionam diversas leituras e análises. Porém, este trabalho, a partir do método comparativo, isto é, pautando-se no campo de estudo da literatura comparada, propõe ater-se a realizar uma leitura das mesmas como expressão literária dos acontecimentos históricos, analisando a forma como a história é transfigurada nesses romances.

Para tanto, o trabalho organiza-se em três partes distintas, discutindo questões diversas, mas que, no entanto, se entrelaçam para a defesa de um mesmo ponto, a saber, a maneira como a representação literária da história acontece nas produções literárias citadas. Dessa maneira, no primeiro momento deste artigo, são apresentadas algumas discussões teóricas que envolvem a relação entre a literatura e a história.

Por conseguinte, será brevemente abordada à relação entre Jorge Amado e João Ubaldo Ribeiro, evidenciando o compromisso desses autores em discutir abordagens sociais em suas obras, como também alterca algumas considerações sobre área de estudo comparatista, fazendo um esboço sobre a literatura comparada como metodologia de análise, aplicada no último momento deste trabalho, que analisa o romance *Tenda dos milagres* e *Viva o povo brasileiro*, elencando os fatos históricos referenciados nas obras, contrapondo o discurso do povo ao da elite, buscando destacar que, nos dois romances, a história do país é narrada por várias vozes.

2. A transfiguração da história na literatura

“Não é possível dizer tudo sobre uma época por mais que dela se saiba. Daí a saída na polifonia, que é o discurso sobre os problemas insolúveis no âmbito de uma época, é o discurso da verdade dialética de uma realidade em transformação e renovação”.

Paulo Bezerra

Enquanto fenômeno estético concretizado através das relações sociohistóricas de um dado contexto, a literatura possibilita um rompimento das “grades” dos períodos históricos. Através dela, o leitor viaja no tempo e no espaço, dialoga com homens e culturas de séculos distantes e conhece fatos que precederam o momento em que vive. Compreendida dessa forma, a literatura torna-se uma ferramenta que possibilita o acesso, de forma lúdica, mas ao mesmo tempo crítica, a outras áreas do conhecimento, como a história. Segundo Afrânio Coutinho (2008), a literatura não visa informar, ensinar, doutrinar, pregar e documentar, mas, de fato, pode, acidentalmente, conter elementos da história, filosofia, ciência e religião.

Embora o texto literário não tenha por objetivo representar o real, bem como não possui compromisso com ele, a literatura e a história orientam-se a partir das experiências pessoais, sociais e culturais do homem, transformando-as em relatos que se apropriam do real para confirmá-lo, discuti-lo, questioná-lo ou até mesmo negá-lo. Conforme Wolfgang Iser (2002), a literatura surge de um imaginário relacionado a uma realidade. Que, retomada pelo texto, é transmutada em signo. A literatura, então, utiliza a linguagem como recurso para apropriar-se do real, e pode nutrir-se da história, retirando desta, eventos que garantam a sua verossimilhança. E, assim, pode compor uma crítica à própria história, questionar a versão “oficial” e apresentar um novo ponto de vista para aqueles episódios já tão consagrados. Acerca disso, Coutinho (2008, p.24) assevera:

É verdade que a literatura parte dos fatos da vida ou os contém. Mas esses fatos não existem nela como tais, mas simplesmente como ponto de partida. A literatura, como toda arte, é uma transfiguração do real, é a realidade recriada através do espírito do artista e retransmitida através da língua para as formas que são os gêneros e com os quais ela toma corpo e nova realidade.

Com base neste raciocínio, que também é defendido por Iser (2002), cabe afirmar que o texto literário possui fragmentos da realidade – mesmo sem necessariamente mencioná-los – dando-lhes não um valor de repetição, mas criando, muitas vezes, novas versões, utilizando estratégias de representação da ficção e misturando o imaginário e o real. Logo, ao aplicar-se ao processo de elaboração do texto, tanto o romancista quanto o historiador buscam captar o momento histórico ao qual estão vinculados, procuram conhecer documentos que contam os fatos e os organizam a partir de seu ponto de vista para constituir seus discursos. Por isso, tanto na história quanto na literatura, os acontecimentos não são simplesmente expostos, eles

são criados, pois suas construções compartilham o mesmo ato de organização e representação dos acontecimentos da sociedade.

Julia Kristeva (1969), a partir da esteira teórica de Mikhail Bakhtin, apresenta a história e a sociedade como textos nos quais o escritor se lê e se insere para reescrevê-los em suas obras literárias. Nessa abordagem, a história surge como uma abstração que está posta para ser transgredida pelo escritor, que faz uso dessa estrutura significativa para opor-se a ela. Nessa perspectiva, a referida teórica conclui:

A história e a moral se escrevem e se lêem na infra-estrutura dos textos. Desse modo, plurivalente e plurideterminada, a palavra poética segue uma lógica que ultrapassa a lógica do discurso codificado, só realizável plenamente à margem da cultura oficial (KRISTEVA, 1969, p. 62).

A palavra, então, torna-se ambivalente; é o resultado da junção de dois signos, pois o escritor utiliza “a palavra de outrem para nela inserir um sentido novo, conservando sempre o sentido que a palavra já possui” (KRISTEVA, 1969, p. 72).

Nesse viés, Hayden White (1994) evidencia que a ficcionalidade de um texto é algo que está presente não só nos literários, mas em outros que compõem o acervo cultural da sociedade, como, por exemplo, os históricos. Segundo o autor, os historiadores sempre criaram versões do mundo real, partindo dos eventos, utilizando estratégias de representação da ficção. No entanto, investigar essa relação entre literatura e história não significa buscar o reflexo de uma na outra, pois, “mais do que a imagem, a Literatura seria antes o imaginário da História. Isso significa que, se Literatura e História não são independentes uma da outra, elas tampouco são ligadas por uma relação mecânica de causa e efeito” (FREITAS, 1986, p. 115). Afinal, a literatura reflete, naturalmente, o momento histórico, e como tal, constitui-se a representação da história.

Seguindo essa linha de raciocínio, compreende-se a história como campo de referência para as obras *Tenda dos milagres* e *Viva o povo brasileiro*; dela são retirados os fatos históricos citados, que estão em um texto fictício, mas não são em si ficcionais, porém ganham outro peso, diferente do que tinham no campo de referência existente. Ademais, esses fatos são expostos nesses romances através de pontos de vista diferentes, por meio de várias vozes sociais que se entrecrocavam no discurso, mas que não se sobrepõem ou se anulam. Este fenômeno é definido por Bakhtin (1997) como polifonia, que, de acordo com o autor, se

caracteriza por vozes polêmicas em um discurso. Aliás, é natural que haja discurso polifônico nestes romances, pois, conforme destaca o teórico russo, este gênero é polifônico por natureza, sendo, então, o dialogismo intrínseco à própria linguagem.

3. A comparação como método de análise e a relação entre Amado e Ribeiro

“Todo discípulo toma alguma coisa de seu mestre”.
“Porque influenciar alguém é dar-lhe
nossa própria alma”.

Oscar Wilde²

41

Ação inerente ao ser humano, o ato de comparar é quase involuntário e inconsciente. Isso acontece, por exemplo, com a literatura, que, enquanto criação artística procedente do imaginário do homem, pode, naturalmente, ser objeto de comparação. Com o objetivo primário de analisar comparativamente duas ou mais obras, a literatura comparada utiliza a comparação como recurso preferencial em seu estudo crítico, transformando-a em uma operação fundamental de análise. No entanto, este campo do conhecimento não deve ser entendido como sinônimo de comparação, pois esta, como adverte Tânia Carvalhal (1992, p. 7), mesmo nos estudos comparados, é um meio e não um fim:

(...) a literatura comparada compara não pelo procedimento em si, mas porque, como recurso analítico e interpretativo, a comparação possibilita a esse tipo de estudo literário uma exploração adequada de seus campos de trabalho e o alcance dos objetivos a que se propõe.

O estudo literário comparado, nesse sentido, abarca investigações variadas que podem adotar metodologias diversas e utilizar múltiplos objetos de análise, tornando possível comparar obras literárias entre si e com outras artes, como a pintura, a música, o teatro e o cinema. Assim, a comparação é um instrumento que ajuda o pesquisador a investigar com propriedade aquilo a que se propõe, possibilitando ao comparatista um vasto campo de atuação.

² Ao discutir sobre *A angústia da influência: uma teoria da poesia*, Harold Bloom (2002, p. 56) cita Oscar Wilde para discutir o que ele chama de as “verdades mais sombrias sobre a influência”, de onde foram retiradas as citações que compõem essa epígrafe.

Em outra perspectiva à de Carvalhal, Daniel-Henri Pageaux (2011, p.260) – com um “espírito de provocação”, como o próprio autor diz – analisa a relação de troca e diálogo entre o comparatismo e o humanismo e propõe entender a literatura comparada como “antes de tudo, a possibilidade de pensar *de outro modo*”. Isso porque, para o estudioso, o trabalho de comparação permite ao comparatista o acesso a diferentes literaturas e culturas, e o humanismo estaria instrínseco nesse processo:

A literatura comparada que tentei apresentar deveria incitar o estudante e todo pesquisador a fazer uma outra descoberta, contínua, infinita: a de todas as manifestações da presença do outro em sua própria cultura, a soma de todas as expressões culturais que foram suscitadas pelo outro, sob quaisquer formas, para serem examinadas, avaliadas, compreendidas no duplo processo de penetração, de difusão, de presença e, talvez, de ausência ou de esquecimento (PAGEAUX, 2011, p. 261, 262).

No caso deste artigo, em que o estudo comparativo é voltado para os romances *Tenda dos milagres* e *Viva o povo brasileiro*, produções literárias comprometidas com questões sociais, com a defesa das lutas políticas e sociais dos negros, humildes e marginalizados, que, nessas narrativas, têm a oportunidade de contar a sua própria história. Expondo sempre uma crítica ao preconceito e às teorias racistas em suas obras, Jorge Amado e João Ubaldo Ribeiro foram escritores comprometidos com os problemas do povo brasileiro, o que se confirma em declarações dos próprios escritores:

Quanto a mim, busquei o caminho nada cômodo, de compromisso com os pobres e os oprimidos, com os que nada têm e lutam por um lugar ao sol, com os que não participam dos bens do mundo, e quis ser, na medida de minhas forças, voz de suas ânsias, dores e esperanças. Refletindo o despertar de sua consciência, desejei levar seu clamor a todos os ouvidos, amassar em seu barro o humanismo de meus livros, criar sobre eles e para eles [Discurso de Jorge Amado durante a posse na academia brasileira de Letras, em 1961].

De modo semelhante, Ribeiro (2015, p. 12) salienta: “Minha literatura é sim comprometida (mas naturalmente não de maneira forçada) com nossa complicada identidade nacional e com a voz dos que não têm como expressar-se”. Tais depoimentos revelam as proximidades da literatura desses autores; aliás, é natural que haja pontos comuns nas suas obras, já que a relação entre eles foi ainda mais próxima do que aparenta. Os dois não foram

apenas colegas de profissão ou simplesmente amigos. Ubaldo Ribeiro confessou ser um “dom” de Jorge Amado:

(...) foi ele quem primeiro acreditou em mim, desde os meus 17 anos, foi ele que, me vendo registrar-me num hotel, olhou o item onde eu declarava timidamente que minha profissão era jornalista, pegou a ficha, rasgou-a e disse: – Jornalista é muito bom, mas não é o que você é. Bote aí ‘escritor’, você é escritor (RIBEIRO, 2015, p. 1).

Enquanto precursor, amigo e “descobridor” de Ribeiro, Amado foi sua fonte de referências. Essa relação está fortemente marcada nos romances aqui analisados, nos quais fica evidente o compromisso desses autores em discutir os problemas sociais do povo brasileiro. A esse respeito, Bakhtin (2002), analisando as obras de Dostoiévski, afirma que o escritor teria a responsabilidade, enquanto intelectual, de tomar partido na sociedade, usar as suas obras como instrumentos de reflexão, questionamento ou denúncia das questões sociais; para ele, o escritor não deve ser neutro.

É possível perceber uma relação entre Amado e Ribeiro e seus textos, resultado da influência do primeiro no segundo, o que não despersonaliza ou desmerece a obra de João Ubaldo Ribeiro. Nessa perspectiva, Ribeiro, a partir de processo criativo individual, consegue construir sua literatura, que é própria e única, mas que não é produto de sua originalidade individual, pois é resultado de leituras, entre elas, Amado. Afinal, como destaca Harold Bloom (2002), o sentido de um texto está sempre entre textos, pois todo texto é uma leitura de outro texto. Contudo, apesar das proximidades desses escritores e de suas obras, é preciso evidenciar que, além das particularidades de cada um, outros fatores³ os diferenciam, pois como destacou o próprio Ribeiro ao falar de Amado: “Pertencemos a famílias literárias diferentes”⁴.

³ Levando em consideração a extensão e o objetivo do presente trabalho, não será possível analisar e especificar aqui os aspectos que diferenciam esses dois autores e as duas obras estudadas, o que exigiria uma nova análise em outra perspectiva. Porém, pode ser citado, por exemplo, a forma diferente como os dois autores representam o povo brasileiro em suas obras através da construção dos personagens. Nesse sentido, em *Tenda dos milagres*, Jorge Amado constrói o personagem protagonista Pedro Archanjo como representação do povo. De modo diferente, mas não contrário, João Ubaldo Ribeiro, em *Viva o povo brasileiro*, não destaca e não constrói um personagem central (mesmo Maria da Fé recebendo destaque a partir da segunda metade do livro), ele representa esse povo através de personagens várias.

⁴ TIMM, Nádia. “Shakespeare com sotaque baiano”, *O popular*, 14 mai.2002. Depoimento retirado da tese de doutorado de Juvenal Batella de Oliveira intitulada *Este lado para dentro: ficção, confissão e disfarce em João Ubaldo Ribeiro* - PUC-RIO.

4. A história contada pelo povo e o discurso da elite em *Tenda dos milagres* e *Viva o povo brasileiro*

Consagrados como romances de cunho popular estas obras são considerados clássicos da literatura brasileira. Foram escritas e publicadas em períodos históricos diferentes. Em 1969, ano de publicação e também escrita de *Tenda dos milagres*, vivia-se no Brasil a ditadura militar, momento traumático de opressão e perseguição política. Vinte anos depois do início da ditadura, em 1984, João Ubaldo Ribeiro lança *Viva o povo brasileiro*. Nesse ano, diversos setores da sociedade civil buscavam ampliar seu horizonte de participação política, vivia-se um desejo coletivo de recuperar a identidade nacional comprometida pela ditadura militar.

Apesar de diferentes, os contextos históricos supracitados foram períodos de eventos importantes e decisivos para a sociedade brasileira e igualmente marcantes para a vida nacional. Diante disso, tendo em vista que a história se constitui como campo de referência e fonte de inspiração para os romancistas, para se entender o sentido de um texto, é importante conhecer o contexto histórico de sua produção e levar em conta que as ideias produzidas em uma determinada época estão presentes nele. Contudo, uma sociedade não produz apenas uma única forma de ver a realidade.

Por isso, estas obras são lidas aqui como pronunciamentos de seu respectivo autor sobre uma dada realidade; que, ao fazê-lo, trabalha com as ideias do seu tempo e da sociedade em que vive e de sua condição de existência. Mas, as apresenta sob diferentes pontos de vista, através de várias vozes, representativas do povo e da elite. Retomando, assim, as histórias que estão na memória dos personagens. Nessa perspectiva, Olivieri-Godet (2009, p.33) expõe que:

Uma relação entre o espaço e a memória permite reconstruir o vivido por uma comunidade. Descobrem-se aí inúmeras representações da nação ligadas ao fator de classes, aos diferentes sistemas culturais e à conjuntura histórica no decorrer da qual a nação se desenvolveu.

Assim, ocorre nessas duas produções literárias, cujos tempos das narrativas mesclam-se entre o pensamento, o que está ocorrendo no momento e a regressão para contar um fato ou descrever um personagem, citados ou não anteriormente. Estas artimanhas dos autores são usadas para retomar as histórias que estão na consciência do povo brasileiro, sem deixar de

contar a história considerada oficial. Com isso, deixam claro que a versão contada pela classe dominante não deve ser tomada como verdade absoluta:

Mas, explicou o cego, a História não é só essa que está nos livros, até porque muitos dos que escrevem livros mentem mais do que os que contam histórias de Trancoso. (...) toda história é falsa ou meio falsa e cada geração que chega resolve o que aconteceu antes dela e assim a História dos livros é tão inventada quanto a dos jornais, onde se lê cada pedaço de arrear os cabelos. Poucos livros devem ser confiados, assim como poucas pessoas, é a mesma coisa. Além disso, continuou o cego, a História feita por papéis deixa passar tudo aquilo que não se botou no papel e só se bota no papel o que interessa. Por conseguinte, a maior parte da História se oculta na consciência dos homens e por isso a maior parte da História nunca ninguém vai saber (RIBEIRO, 2007, p. 488-9).

Embora esse fragmento seja da obra *Viva o povo brasileiro*, a colocação abrange também *Tenda dos milagres*, pois ambas evidenciam que a história chamada de oficial baseia-se no discurso dos poderosos e, portanto, narra os fatos conforme seus interesses.

Deste modo, os dois romances mencionam vários eventos, alguns ocorridos de fato, e outros, inventados, trazendo à tona períodos sombrios da história brasileira, sobretudo, a perseguição à cultura afro-brasileira. Dentre outros, podem ser citados, na obra ubaldiana, a colonização, a independência do país, a libertação dos escravos, as guerras de Canudos e do Paraguai etc.; já na produção amadiana, discorre-se, principalmente, acerca da ditadura militar e do *apartheid*. No entanto, a eles são adicionados novos elementos, mostrando, sem hierarquias, os discursos dos oprimidos e da elite. Esta, por sua vez, é formada por poderosos, que desprezam o Estado em que nasceram, por ser “berço” de negros, mestiços, índios e pobres:

Na verdade, passara, como Henriqueta, a ter horror à Bahia, lugar atrasado, de gente tacanha e limitada, cidade imunda e desconfortável, conversas destituídas de interesse e uma mestiçagem generalizada, que não podia deixar de chocar uma pessoa bem acostumada (RIBEIRO, 2007, p. 511).

Apesar de terem aversão aos seus compatriotas e vergonha não só do Estado, como do país em que habitam, os poderosos querem sugar suas riquezas, julgam-se europeus desterrados, valorizam somente o que é de fora da sua nação. Propagam, assim, a concepção de que a classe dominante é superior aos demais cidadãos. Como demonstra o personagem Bonifácio Odulfo, em *Viva o povo brasileiro*, ao dizer: “(...) é necessário que a elite dirigente tome a si a responsabilidade de organizar o poder. Você não conhece nação forte sem governo

forte, nação forte em que o povinho, os desqualificados, tenham voz ativa” (RIBEIRO, 2007, p. 555).

Em *Tenda dos milagres*, o professor Nilo Argolo e o delegado Pedrito, além de outros personagens, nutrem aversão aos negros, mestiços e pobres, referindo-se a esses como: “(...) mestiços degenerados em sórdida, em imunda promiscuidade” (AMADO, 1976, p. 117). Com objetivo de propagar o ódio e o preconceito, o professor Argolo escreve para uma revista médica sobre os negros e mestiços, dizendo que seu texto irá tratar: “sobre a degenerescência psíquica e mental dos povos mestiços – o exemplo da Bahia”, afirmando que o “Maior fator de nosso atraso, de nossa inferioridade, constituem os mestiços, uma sub-raça incapaz”. Em “que parte do mundo puderam os negros constituir Estado com um mínimo de civilização?” (AMADO, 1976, p. 119, 120). Além disso, as autoridades proibiam que os negros realizassem qualquer manifestação cultural ou religiosa, perseguindo-os constantemente, sobretudo a Pedro Archanjo, que indignado diz:

De 1920 a 1926, enquanto durou o reinado do todo poderoso delegado auxiliar, os costumes de origem negra, sem exceção, das vendedoras de comida até os orixás, foram objeto de violência contínua e crescente. O delegado mantinha-se disposto a acabar com as tradições populares, a porrete e a facão, a bala se preciso (AMADO, 1976, p. 258).

Assim, nos enredos dessas obras, fica evidente que a intenção dos perseguidores é acabar com as tradições populares. Mas “o discurso apresentado pelas elites já não convence o povo, que, se por padecer da violência dos poderosos não podem gritar, sussurram as outras histórias que foram deixadas à margem do interesse dos seus dominantes” (SANTOS, 1993, p. 131). Na verdade, durante muito tempo, o povo se conformou com a vida que lhe fora imposta, e enquanto durou este silêncio, seus representantes foram alvo de violência contínua e crescente, sendo oprimidos, torturados, perseguidos e assassinados, conforme evidencia Pedro Archanjo:

(...) estamos numa luta, cruel e dura. Veja com que violência querem destruir tudo que nós, negros e mulatos, possuímos, nossos bens, nossa fisionomia. Ainda há pouco tempo, com o delegado Pedrito, ir a um candomblé era um perigo, o cidadão arriscava a liberdade e até a vida (AMADO, 1976, p. 284).

Indignados com os atos de opressão e perseguição à cultura afro-brasileira, que resultaram em um número significativo de mortes violentas, Archanjo e Maria da Fé – cada um em seu enredo, respectivamente, *Tenda dos milagres* e *Viva o povo brasileiro* –, resolvem acabar com o silêncio que reinava até então, e começam a lutar, embora de maneiras diferentes (ele escrevendo livros e desobedecendo às determinações dos brancos e a jovem organizando revoltas), pelos direitos de expressão dos negros e pobres e pela afirmação da cultura popular, baseando-se nos saberes do próprio povo. Por estarem à frente desta luta, são perseguidos e marginalizados.

De fato, segundo Santos (1993, p. 132), “desde o início de nossa construção identitária, os povos de estirpes não europeias, se não foram apagados do nosso enredo histórico, foram posicionados na marginalidade e no banditismo”. Assim ocorre nos dois romances, pois os protagonistas são vistos pela classe dominante como bandidos e baderneiros, por isso são perseguidos por aqueles que representam a lei, criada para favorecer a elite.

Na narrativa ubaldiana, Maria da Fé liderou revoltas do povo e se tornou alvo do exército. O próprio Patrício Macário (pai de seu filho) chegara a considerá-la uma bandoleira, estando ele à frente de uma expedição que pretendia capturá-la ou matá-la. Ainda na mesma narrativa, no episódio sobre a Guerra de Canudos, quando a irmandade do povo brasileiro capturou um oficial, ele lhes disse: “– Isto é um ato de banditismo contra as instituições republicanas, a integridade da Nação, o poder constituído!” (RIBEIRO, 2007, p. 531-2). Do mesmo modo, em *Tenda dos milagres*, Archanjo fora perseguido pela polícia, principalmente pelo delegado Pedrito, que em uma das perseguições a Pedro Archanjo, ordena: “– Prendam aquele pardo, ele é o cabeça de tudo” (AMADO, 1976, p. 81).

Apesar de toda a violência e a perseguição sofrida, o povo não se cala, pelo contrário, ganha força, por meio da maior de todas as “armas”: o conhecimento, que é disseminado, nos dois enredos, por intermédio de Maria da Fé e Pedro Archanjo, que, como na narrativa amadiana destaca: “Pedro Archanjo partira do ódio para o saber” (AMADO, 1976, p. 230). Afinal, é através do conhecimento que a voz do povo ainda há de ecoar, como destacara Lourenço, filho de Dafé e Macário, personagens de *Viva o povo brasileiro*:

Não temos armas que vençam a opressão e jamais teremos, embora devemos lutar sempre que a nossa sobrevivência e a nossa honra tenha de ser defendida. Mas a nossa arma há de ser a cabeça, a cabeça de cada um e de todos, que não pode ser dominada e tem de afirmar-se. Nosso objetivo não é bem a igualdade, é mais a

justiça, a liberdade, o orgulho, a dignidade, a boa convivência. Isto é uma luta que trespassará os séculos, porque os inimigos são muito fortes. A chibata continua, a pobreza aumenta, nada mudou. A Abolição não aboliu a escravidão, criou novos escravos. A República não aboliu a opressão, criou novos opressores. O povo não sabe de si, não tem consciência e tudo o que faz não é visto e somente lhe ensinam desprezo por si mesmo, por sua fala, por sua aparência, pelo que come, pelo que veste, pelo que é (RIBEIRO, 2007, p. 578).

Assim, os romances *Tenda dos milagres* e *Viva o povo brasileiro* criam, numa ordem cronológica não linear, através de um jogo com datas e anos, uma representação da história do país, recontada não apenas do ponto de vista da elite, mas a partir da visão de mundo do povo, conferindo-lhes a oportunidade de contar a sua versão da história, revelando o discurso daqueles que foram silenciados e fazendo com que o objeto enunciativo se transforme em sujeito de enunciação. Com isso, várias vozes sociais se entrecrocaram nos dois romances, vozes que se opõem, mas que não se anulam ou se sobrepõem, caracterizando, desse modo, o discurso polifônico.

5. Considerações finais

A partir de uma análise crítica comparativa das obras literárias de Jorge Amado e de João Ubaldo Ribeiro, pode-se concluir que, nesses romances, fatos omitidos, modificados ou marginalizados pela história, bem como versões desses fatos são apresentados por diferentes vozes sociais. De modo, nessas narrativas, aqueles que até então foram silenciados pelos poderosos através da violência, tornam-se sujeitos ativos, adquirindo o direito de se expressar. Esta mudança acontece nos dois enredos, quando Pedro Archanjo e Maria da Fé decidem dar um basta a opressão e se apropriam do conhecimento popular para expor a versão do povo sobre a história da pátria e lutar por seus direitos.

E assim, nesses romances, Jorge Amado e João Ubaldo Ribeiro coadunam os contrários, constroem textos com sentidos diversos, narrados através de diversas vozes, onde é possível perceber diversos pontos de vistas acerca do mundo. Ou seja, constroem textos pelos quais é possível perceber a diversidade da história e as diferentes versões que a história pode ter. Para dar conta de toda essa diversidade, esses romances se constituem polifônicos, que, para Bakhtin (2002), é o discurso do diálogo inacabado.

6. Referências

AMADO, Jorge. *Tenda dos milagres*. 16. ed. Rio de Janeiro: Record, 1976.

BAKHTIN, Mikhail. “Os gêneros do discurso”. In: *Estética da criação verbal*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. pp. 279-326.

_____. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2002.

BEZERRA, Paulo. “Prefácio”. In: BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2002.

BLOOM, Harold. *A angústia da influência: uma teoria da poesia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

CARVALHAL, Tânia F. *Literatura comparada*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1992.

COUTINHO, Afrânio. *Notas de teoria literária*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

FREITAS, Maria Teresa de. *Literatura e história*. São Paulo: Atual, 1986.

ISER, A. Wolfgang. “Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional”. In: LIMA, Luiz Costa. *Teoria da literatura em suas fontes*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

KRISTEVA, Julia. *Introdução à semanálise*. São Paulo: Perspectiva, 1969. Col. Debates.

OLIVIERI-GODET, Rita. *Construções identitárias na obra de João Ubaldo Ribeiro*. São Paulo: HUCITEC, 2009.

PAGEAUX, Daniel-Henri. “Comparatismo e humanismo: espaços para reflexão”. In: MARINHO, M.; SILVA, D. A.; UMBACH, R. K. (Org.). *Musas na encruzilhada: ensaios de Literatura Comparada*. Frederico Westphalen/RS: URI; São Paulo/SP: Hucitec; Santa Maria/RS: UFSM, 2011. pp. 249-263.

RIBEIRO, João Ubaldo. *Viva o povo brasileiro*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

_____. Jorge Amado e eu. *O Globo*, de 12/08/2001. Disponível em: <<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/joao-ubaldo-ribeiro/jorge-amado-e-eu.php>> Acesso em: 13 jun. 2015.

SANTOS, Itazil B. dos. *Jorge Amado: retrato incompleto*. Rio de Janeiro: Record, 1993.

SARAMAGO, José. *Levantado do chão*. Lisboa: Caminho, 1980.

WHITE, Hayden. *Trópicos de discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. São Paulo: Editora da USP, 1994. (Ensaio de Cultura; v. 6).